

*palavras sujas sobre azulejos brancos*



***camilo soares***

PALAVRAS SUJAS SOBRE AZULEJOS BRANCOS

*1ª edição*  
*recife.pe*  
*são paulo.sp*





Agradecimentos encardidos  
às leituras límpidas de queridas parcerias:  
André Telles do Rosário, Angélica Moraes,  
HVB, Renata Pimentel,  
Ronaldo Correia de Brito  
e Tenille Bezerra



*Nenhum amigo meu se acomoda na minha cadeira,  
Não tenho cátedra, nem igreja, nem filosofia,  
Não conduzo ninguém à mesa de jantar, biblioteca, câmbio,  
Mas cada homem e cada mulher entre vocês eu conduzo ao topo de uma colina,  
Minha mão esquerda enlaçando sua cintura,  
Minha mão direita apontando paisagens de continentes e a estrada.  
Nem eu, nem mais ninguém pode viajar essa estrada por você,  
Você deve viajá-la você mesmo.*

Walt Whitman, *Song of Myself*



AntiPrefácio a PALAVRAS SUJAS SOBRE AZULEJOS BRANCOS	11
A mão	15
Branco	16
Pegadas	18
Beijo na chuva	19
Oriente	20
Cântaro	26
O Espelho	28
De como reter o impermanente	31
A inexata ciência da pedra	33
Consciência do nada	35
O parque	36
Sombras	38
A manhã	39
Maré	41
Fotografia de vento	42
Rosa dos ventos	44
O Sopro	45
Medo do claro	46
A beleza do gesto	49
Coisas irrestritas	51
Casa de Areia	53
Totens	55
Sal da Terra	57
Decanto	62
Tempo e suas desistências	64
Epílogo de um diário monólogo	66
O se	68



## ANTI-PREFÁCIO A PALAVRAS SUJAS SOBRE AZULEJOS BRANCOS

[*a estrada é mais larga que o destino*, sim, mas é certo que amanhece sempre: *e a singela loucura da felicidade é* diapasão da precisa luz que firma na retina do leitor o tempo dilatado em todos os sentidos], pois que nos ensinou o de Hipona: as três instâncias das areias que deslizam na ampulheta são a memória (presente do passado), a intuição direta (presente do presente) e a esperança (presente do futuro) como ação mesmo de quem deambula e fla(n/m)uja com as acesas cadeias do estrangeiro para si mesmo: poeta/profeta do próprio destino. Aqui o salto é protegido pela consciência expandida: não há redes de proteção e as asas são engenho humano também, que se projetam de escápulas impermanentes.

*Desconstruindo instantes e formas inabaláveis*, a poética de Camilo Soares é poesia e som e cheiro, sabe a ciência de pedra e pólen, reconta história nos fragmentos de uma tessitura que escreve sua própria cronologia de apropriações, porque incorpora vozes e versos da sua particular trajetória de leitor. Vamos resvalando distraídos em Whitman, Pessoa e suas várias pessoas, Éluard, Eliot, Hilda Hilst, Cecília Meirelles, tantas vozes e geografias poéticas. Esta escritura cifra a que vem, em labirinto sedutor: músico, fotógrafo, cineasta - sinestésico e intersemiótico é o jeito de existir e criar mundos deste moço nestas *Palavras sujas sobre azulejos brancos*.

Quem incauto adentre os bosques e as águas e as veredas de Camilo há de alumbrar-se, pois terá as retinas

afagadas de suave e crua vertigem, da violência por dentro dos afagos, em poemas que são precisas imagens do verbo, mais que encarnado, dado a ver, exibido, posto em cena. E tropeçará nas pistas reluzentes ao longo do trajeto. Em um *Parque*, sentará ao lado de Santo Agostinho, para partilhar Confissões, em versos:

Tanto tempo a luz  
entre as acácias  
já não desenha o chão  
não define a imagem do dia  
filma apenas o movimento dos grãos  
e repete  
leve como tarde sempre vento  
tudo o que fizemos  
e o que se fez sem nós  
tudo o que faremos  
e o que se fará quando não estivermos mais

Leve  
como tempo do mundo todo  
como todo tempo no mundo  
nesses olhos de fim de tarde

Uma algaravia de sentidos, mas em um andamento harmônico, música mesmo de retinas ativadas pelo verbo que se faz cena, em conluio com o acordar dos outros sentidos:

cheiro suave de manhã já poeira  
o começo da tarde morna  
quando as formigas ocupam os cômodos fechados

...esses versos nos são ofertados em Sombras, fui sendo pinçada pelo eco surdo deles, como quando reverbera no corpo a agulha da acupuntura no ponto em que o órgão precisa curar a si e ao tempo roto. É esta uma tela que, a mim, nos propõe o poeta, atento à estrada na qual ousará revelar a:

fotografia de vento  
suspensão sem nome nem forma  
apenas esquecimento sopra nas nuvens  
navalha nos olhos  
verdes de tanta vista

...um cão andaluz seguindo seu percurso sem carta naval, em asfalto bruto ou terra batida, Camilo sabe que *nos mesmos rios somos e não somos* - por isso invoca *Heráclito* - e segue de Baudelaire a Carlos Pena Filho, das margens de uma retirância que sabe o humano errante e diletante gregário. Regrava em palavra a imagem da xilogravura de Oswald Goeldi (*antes do guarda-chuva rasgar o céu/ riscando de vermelho o cinza e a saudade*); Camilo é poeta antigo, no começo da sempre reiniciada jornada e, como Octavio Paz, consagra cada instante com sua grafia suja, sobre um nunca imaculado intervir do animal homem. Precipitemo-nos nesta poesia, ela é mundo vasto, sustentido e intenso; ela acolhe, desperta, dói e lacera: ela vale muitas léguas de leitura e sentidos.

*Renata Pimentel*

poeta, da dança e do teatro, escritora, cuidadora de plantas e felinas  
vidas; leitora cúmplice



## A MÃO

A mão que descreves é palavra  
e não tocará o rosto  
será som e ideia  
desejo de voar  
respirar a brisa da noite  
fazer sentir seu toque

A mão que lembrás é imagem  
e não tocará o rosto  
será forma e intento  
desejo de luz e vento  
ser puro ser agora  
sentir quando te acaricia

A mão que sonhas é ideia  
e enrançada a devaneios  
não tocará o rosto  
formará imagem  
repetirá tantas vezes palavra  
que acreditarás no toque  
jamais acontecido

## BRANCO

*pelo que dentro fizeram  
com seus vazios, com o nada*

(João Cabral de Melo Neto, *A Mulher e a Casa*)

Noite de chuva  
poeira sobre os móveis  
secas lembranças

Nas brechas úmidas da parede  
o chão penetra  
rastros na pista

Voz velada  
sons ternos  
tenros descaminhos

Quando o que é leve se perde  
e o vento esquecido  
não sopra mais nos olhos

Apenas resseca farpas  
cheiro de cinza  
ciscos na estrada

Brasão na sacada  
o nome e o sangue  
uma pá de cal

História calada  
feridas no muro  
gritos da madrugada

Curvas  
cruzes  
coração  
palavras sujas sobre azulejos brancos

## PEGADAS

A chuva lá fora  
apaga os passos na rua  
e os marca dentro de casa

A chuva lá fora  
é a mesma que molha o rosto  
nas noites vazias

Lá fora  
parece azul como nada  
chove cor de antigamente  
aqui cheira a mofo e presente  
urgência emudecida a vida  
finita lá fora o barro  
futuro  
a lama no asfalto refletindo os dias  
quando o vento lhe molha o rosto